

**O OUTRO EM “A MENOR MULHER DO MUNDO”:
UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL EM CLARICE LISPECTOR**

Daryjane Pereira Costa (UERN)

costa.daryjane@gmail.com

Sebastião Marques Cardoso (UERN)

sebastiaomarques@uern.br

Silvana Maria Santiago (UERN)

silvanasantiago@uern.br

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise pós-colonial no texto de ficção “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector, visando a perspectiva filosófica do outro, de Emmanuel Lévinas. Objetiva-se explorar e apresentar as singularidades presentes na constituição da personagem feminina africana, demonstrando a relação entre explorador e explorado. Além disso, este estudo se ancora teoricamente nos pressupostos teóricos de Quijano (2005), Bonnici (1998), Said (2011), Spivak (1988) e Lévinas (1980). Metodologicamente fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa e de cunho exploratório de base interpretativista. Em um primeiro momento aborda-se a leitura do texto clariceano, em um segundo momento, o explora por meio da perspectiva crítica ao eurocentrismo, as relações do ser subalterno e a ética ao outro. Considera-se que o texto de ficção clariceano não só aborda diferentes perspectivas de mundo, mas como também o transcende, permitindo diferentes olhares para além do ser, denunciando a relação entre colonizador–colonizado.

Palavras-chave:

Pós-colonialismo. Clarice Lispector. Ética da alteridade.

ABSTRACT

This study presents a postcolonial analysis of the fictional text “A menor mulher do mundo”, by Clarice Lispector, aiming at the philosophical perspective of the other, by Emmanuel Lévinas. The objective is to explore and present the singularities present in the constitution of the African female character, demonstrating the relationship between explorer and exploited. Furthermore, this study is theoretically anchored in the theoretical assumptions of Quijano (2005), Bonnici (1998), Said (2011), Spivak (1988) and Lévinas (1980). Methodologically, it is based on qualitative and exploratory research with an interpretive basis. In the first moment, the reading of Clarice’s text is approached, in a second moment, it explores it through the critical perspective of Eurocentrism, the relations of the subordinate being and the ethics of the other. It is considered that Clarice’s fiction text not only addresses different perspectives of the world, but also transcends it, allowing different views beyond being, denouncing the relationship between colonizer–colonized.

Keywords:

Postcolonialismo. Clarice Lispector. Ethics of alterity.

1. Introdução

Clarice Lispector, nascida na Ucrânia (1920) e naturalizada no Brasil, mulher judia, embora não se apresentasse com esta face religiosa em sua fala, carregou durante toda a sua escrita elementos que visam uma mulher mística, exilada e escritora de uma literatura-mundo. Na trajetória de escrita e viagens de Clarice, é apontado em sua ficção uma aproximação com a África, o que infere alguns desdobramentos significativos para o conto em estudo.

O conto “A menor mulher do mundo” (1976), de Clarice Lispector, centraliza a sua narrativa em um pesquisador francês que chega ao Congo, na África, encontra uma tribo de pigmeus e em meio a esses povos, ver uma mulher africana de quarenta e cinco centímetros, negra, selvagem e grávida. Após o encontro com a menor mulher do mundo, o europeu passa a divulgar uma foto da pigmeia por jornais da cidade, dividindo opiniões entre diferentes famílias de classes sociais elevada, o que culmina no eurocentrismo, resultado da relação entre o ser explorador e o explorado.

A forma de olhar para a literatura de Clarice Lispector é direcionada para uma análise representacional feminina e sobretudo pelos enigmáticos temas que são ressaltados em sua escrita. Diante da sua representação e temáticas, convém pensar em uma Clarice que aborda o mundo em sua literatura, nesse caso, o mundo eurocêntrico, pois Clarice também denuncia em sua ficção uma apresentação de traços pós-coloniais presentes na alteridade da personagem feminina em destaque.

Embora já se tenha diferentes perspectivas de estudos clariceanos, este não exclui nenhum dos já realizados, mas ressalta uma face pós-colonial em Clarice, face esta que é vista como denunciadora de um povo que carregou consequências advindas da colonização. Por isso, visa-se também a aproximação da obra clariceana com a ética da alteridade, de Emmanuel Lévinas, filósofo que defende a filosofia como ética primeira e a relação entre o Eu Mesmo e o Outro, o que incita em pensar em uma personagem feminina e a sua alteridade, o seu discurso colonizado em frente a um colonizador.

O estudo organizou-se metodologicamente em crítico, qualitativo, de cunho exploratório e interpretativista, de acordo com Gil (1999) não objetiva-se numerar, mas volta-se ao subjetivo do texto. Foi realizada a leitura do texto clariceano e retomado por meio de análises em uma perspectiva do pós-colonialismo, as relações com o ser subalterno e a ética da alteridade ao outro, expondo as singularidades presentes na constituição

da personagem feminina africana, revelando a relação entre explorador e explorado.

2. Aspectos pós-coloniais em “A menor mulher do mundo”

2.1. O pós-colonialismo como caminho

As consequências advindas da colonização evidenciam fortes opressões e dominações na construção da identidade da mulher negra. O que se permite respaldar neste estudo a utilização do pós-colonialismo para expor as relações eurocêntricas e dar voz ao discurso dos colonizados que foram marginalizados pela colonização.

Para Said (2011) o pós-colonialismo é uma forma de tentar descolonizar a mente e o corpo – é sinônimo de superação e resistência diante das estruturas estabelecidas pela colonização que ainda é presente na sociedade atual. Nesse sentido, enxergar os aspectos pós-coloniais nos dias atuais se faz de extrema importância para o desmembramento das camadas mantidas como superiores em questão de raça e cultura em relação aos povos marginalizados pelo colonialismo.

A ideia do eurocentrismo, visão voltada na centralização dos moldes europeus, ou seja, a Europa como o centro de poder do mundo, fez com que muitos vivenciassem e expandisse a ideia de uma raça e cor superior a outra, ocasionando, mesmo após o fim do período colonial, resquícios sociais eurocêntricos de uma obscura colonialidade. Quijano (2005) aponta a colonialidade referindo-se às relações de poder que ainda influenciam as estruturas sociais, econômicas e culturais, e que mesmo após tantos caminhos trilhados, ainda se faz necessário se opor criticamente às ideias coloniais por meio do pós-colonialismo.

A ideia de hierarquia racial, ou seja, uma raça superior a outra, ocasionou em uma imposição a uma visão de mundo eurocêntrica e a posição rebaixada dos povos afrodescendentes. Quijano (2005) afirma que é necessária uma mudança nas estruturas políticas, econômicas e culturais, pois só assim os povos subalternizados terão o direito à voz.

Bonnici (1998) propõe a relação entre a literatura e o pós-colonialismo, ou seja, enxerga a literatura como forma de resistência cultural aos discursos dominantes do colonialismo. Sendo assim, este estudo permite refletir sobre tais estruturas ainda vigentes por meio da literatura-mundo,

de Clarice Lispector, no conto “A menor mulher do mundo”.

2.2. “A menor mulher do mundo”

O conto “A menor mulher do mundo” (1976), de Clarice Lispector, denuncia marcas do eurocentrismo por meio da figura de uma mulher negra que é considerada exótica aos olhos de um explorador europeu.

O francês mencionado no conto viaja para o Congo, na África, para pesquisar e explorar as terras, mas ao chegar ao local, encontra uma tribo de pigmeus, são eles os menores povos do mundo, porém, o europeu encontra uma mulher ainda menor, medindo quarenta e cinco centímetros. Essa pigmeia, além de mulher, é africana, negra, selvagem e dá-se ao luxo de uma gravidez. Após o seu encontro com o explorador, é fotografada e vira notícia em um jornal, o que provoca reações e opiniões de diferentes famílias em diferentes lugares que têm acesso às notícias.

Entre mosquitos e árvores mornas de umidade, entre as folhas ricas do verde mais preguiçoso, Marcel Pretre defrontou-se com uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada. “Escura como um macaco”, informaria ele à imprensa, e que vivia no topo de uma árvore com seu pequeno concubino. Nos tépidos humores silvestres, que arredondam cedo as frutas e lhes dão uma quase intolerável doçura ao paladar, ela estava grávida. (LISPECTOR, p. 111)

Em relação ao trecho mencionado acima, extraído do conto em estudo, o narrador descreve o espaço e a personagem principal. Diante disso, logo, percebe-se a figura de um homem branco, europeu e explorador que domina os meios, superior a figura de uma pigmeia que vive em uma relação tripla social – o ser mulher, africana e negra.

O explorador se vê na frente de seres pequenos, selvagens, sem uma cultura, cor e instruções diferentes da dele, há uma forte relação entre um pesquisador e um objeto a ser explorado, a ser mostrado, exibido, capitalizado. Além disso, a superioridade do europeu não se dá apenas por meio da cor e do seu acúmulo de bons modos e costumes diante da mulher de quarenta e cinco centímetros, preta e selvagem, mas também pela sua superioridade masculina diante da inferioridade feminina.

As divergências entre as duas figuras emblemáticas nos mostra mais uma vez a face do que a exploração fez com os colonizados por meio do seu desejo de possuir tudo ao seu redor. Ainda, é perceptível a ideia de posse e domínio europeu sobre esses seres marginalizados pela colonização, pois o pesquisador sente a necessidade de nomear a pigmeia negra:

“Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor” (LISPECTOR, p. 111).

Assim como um dono nomeia o seu animal de estimação. A nomeação é considerada a relação concreta de posse, de domínio e superioridade sobre a raça inferior e exótica. A Pequena Flor, agora já nomeada, reage por meio do ato de se coçar na frente do explorador, mas o narrador destaca que ela se coça em lugar que normalmente as pessoas não se coçariam na frente das outras.

Nesse instante, a Pequena Flor coçou-se onde uma pessoa não se coça. O explorador – como se estivesse recebendo o mais alto prêmio de castidade a que um homem, sempre tão idealista, ousa aspirar – o explorador, tão vivo, desviou os olhos. (LISPECTOR, p. 112)

Após a mulher ser nomeada, como uma forma de favor pelo seu explorador, surge na narrativa, como apresentado no trecho acima, a mulher com uma consciência, uma liberdade de se mostrar por meio da sua sexualidade, da sua forma de se coçar. Essa atitude é notada pelo explorador como anormal e fora do comum, uma mulher com a liberdade de fazer algo que para o homem seria normal no seu dia a dia, mas para a mulher é tratado como mal visto e inaceitável. Além disso, observa-se a figura da mulher negra como objetificada no trecho a seguir:

A fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O **nariz chato**, a **cara preta**, os **olhos fundos**, os pés espalmados. Parecia um cachorro. (LISPECTOR, p. 112, grifos nossos)

Nesse trecho em destaque, analisa-se a forma como o explorador vê a mulher africana, um ser mudo, sem direito ao grito, assujeitada e subalterna, destaca-se aqui o termo subalterno mencionado nos estudos de Spivak (1988) para aqueles “cuja voz não pode ser ouvida”, a camada mais baixa da sociedade. Entretanto, Bhabha (1984) em seus estudos sobre o pós-colonialismo afirma que o subalterno pode falar e a sua voz pode entrar em evidência por meio do mimetismo, forma esta que desestabiliza as hierarquias culturais estabelecidas pela colonização e criar uma nova forma de identidade cultural distante das ideias eurocêntricas.

O processo de capitalização da figura da mulher negra se dá por meio da divulgação da sua fotografia e da sua exposição. Diante disso, a nomeação e a capitalização da figura da mulher negra e africana são pontos de tensão que nos fazem refletir e ressaltar a importância de trazer à tona os traços pós-coloniais como forma de enxergar a identidade negra

feminina.

Ainda, sobre a divulgação da foto da pigmeia, as famílias que tiveram acesso a notícia no jornal, tiveram reações diferentes uma das outras, algumas se assustam com a imagem, outras imaginam como seria se essa pigmeia morasse com eles, como seria a cor do seu filho. No trecho a seguir, observa-se os sentimentos de rejeição, dó ou posse por meio da ideia que a pigmeia pudesse se tornar a empregada em uma das casas das famílias, o que ressalta a desvalorização, inferiorização e objetificação da pigmeia por meio do olhar da classe média branca.

– Mamãe, olhe o retratinho dela, coitadinha! Olhe só como ela é tristinha!
– Mas – disse a mãe, dura e derrotada e orgulhosa – mas é tristeza de bicho, não é tristeza humana. – Oh! mamãe – disse a moça desanimada. Foi em outra casa que um menino esperto teve uma ideia esperta: – Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? quando ele acordasse, que susto, hein! que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! a gente fazia ela o brinquedo da gente, hein! (LISPECTOR, p. 112)

A mulher pigmeia é vista como um bicho no trecho acima, o que antes já tinha sido feito pelo explorador, mas agora também pelas famílias que a viam e comentavam sobre a sua aparência, estado e cultura. Com isso, observa-se também uma suposta relação do homem com o bicho, a superioridade, o homem sendo o racional, o animal inferior, rejeitado, maltratado e sem valor e espaço, mobilizado pelo dono.

Outrossim, o conto nos traz a cena da mulher negra e africana sorrindo quando volta-se a tona a relação entre branco vs negro, e essa sorriso da pequena mulher é apontado mais uma vez para a consciência e liberdade que a mulher possui. O francês se auto-pergunta sobre o motivo do riso, do sentido de uma vida insignificante chegar a sorrir se encontrando naquele estado. O riso da pigmeia não era apenas o de sentir, era o de falar, o riso era a sua fala, a sua consciência de posição, de viver, de querer e ser.

Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar. E ela continuou fruindo o próprio riso macio, ela que não estava sendo devorada. Não ser devorado é o sentimento mais perfeito. (LISPECTOR, p. 114)

O seu riso surge com a felicidade de se sentir liberta no seu espaço, a sociedade ainda não a alcançava para determinar o que ela deveria sentir, e o explorador estranha o comportamento desse riso por não entender a liberdade da pequena flor. O homem branco não via sentido em viver daquela forma e se sentir feliz, para o explorador a felicidade era dominar e obter, entretanto, a pequena mulher não estava sorrindo por possuir bens

materiais, mas por simplesmente viver, por não ter sido devorada, mas de estar sentindo e vivendo a sua liberdade no topo de uma árvore.

A mulher, africana, negra, neste conto, permite ver também a mulher macabéa que a Clarice Lispector retrata em “A Hora da Estrela”, a mulher que passa por um momento de encontro com a sua consciência e liberdade. A mulher é vista como pequena, negra, desvalorizada e subalterna, e que ao mesmo tempo, o homem branco se apresenta como um suposto redentor dela, o que ainda, é necessário, rever o conto como uma crítica mais a fundo, pois poderá proporcionar a fuga do racismo estruturado de apenas expor o negro de maneira banalizadora e o branco como o salvador.

A face de uma Clarice por meio da colonialidade/modernidade, apresenta-se neste estudo com a crítica pós-colonial, em destaque no conto “A menor mulher do mundo”, que nos apresenta não a anulação de outras análises já feitas sobre a escrita clariceana, mas se mostra como uma crítica por meio de uma nova visão lançada sobre o texto de ficção. Diante disso, observa-se uma Clarice que se volta à consciência da colonização, ou seja, é pós/paracolonial.

Sendo assim, a escrita de Clarice Lispector é, mais uma vez, excedente a palavra, é além de uma narrativa, é enxergar os diferentes meios de ver a si e ao outro. A pigmeia, assim como a Macabéa, personagem clariceana, são povos que esperam por uma salvação, por uma redenção, por um direcionamento diferente do que foi constituído na história.

2.3. O outro em “A menor mulher do mundo”

O conto em estudo permite estar relacionado a ética da alteridade de Emmanuel Lévinas (1980), esta relação é abordada como um caminho possível para o estabelecimento de uma sociedade mais humanizada e responsável pelo outro. O filósofo Lévinas (1980) afirma que somos responsáveis uns pelos outros, e para que se tenhamos esta responsabilidade, é necessário a presença da ética ao outro, o esvaziar de si para entrar em contato com o outro.

No texto de ficção a relação entre o colonizador e colonizado é gerado em linhas de tensões eurocênicas, reafirmando a ferida causada pela colonização aos povos sulbaternizados, o que nos permite pensar em uma nova forma de relação entre o homem branco e o homem negro e as suas vivências sociais. Por isso, neste estudo se propõe uma retomada de

conscientização por meio da filosofia da alteridade, enxergar o outro como uma responsabilidade minha, o outro que me obriga a pensar sobre as minhas ações, vontades, virtudes, atitudes e desejos, o outro que desperta a empatia – não se pensa apenas no “quem eu sou?”, mas “quem é o outro?”.

Lévinas (1980) aborda que o outro que surge para o Eu Mesmo aparece como uma imposição percebida pela sensibilidade que faz enxergar a existência do outro. O aparecimento do outro em nossas vidas surge como um pedido, um ‘bater na porta’, nos impondo a ser responsável porque o outro existe e as atitudes não devem ser nulas a sua presença, mas é medida pela existência de um outro que não se pode definir, formular e encaixar em uma ideia, mas que este outro serve como régua, medida para a existência do Eu Mesmo.

Portanto, acha-se neste meio da alteridade presente na personagem feminina e a sua relação com o pesquisador europeu, caminhos possíveis para enxergar uma mudança de estruturas colonizadoras, deformadores de culturais e costumes diferentes, apontando a ética da alteridade como caminho possível para a imposição de relações estruturadas no período de colonização. Sendo assim, o Outro é a humanidade, aquele que está numa posição subalternizada e o Eu é a individualidade, aquele que se altera na relação ética, pois é nessa relação que se vê as limitações e potencialidades daquele que está frente a frente.

3. Considerações finais

Este estudo resulta em uma face diferente de Clarice Lispector, com questões voltadas aos traços eurocêtricos e Pós-coloniais da personagem presente na narrativa em estudo. Além disso, observa-se que textos e análises que ressaltam a figura feminina, negra e subalterna devem ser vistas também por um viés decolonial, que resultem em uma mudança diante das consequências acarretadas com o período da colonização.

Na exploração do conto “A menor mulher do mundo”, pôde-se observar um discurso de uma mulher negra africana que sofre as consequências dos ideais eurocêtricos. Visto isso, muitas mulheres negras ainda vivem em situações de subalternização, não só no passado, mas até nos dias atuais são vistas com um olhar de objetificação, prontas para serem capitalizadas pelo homem branco que se vê superior por sua raça e costumes.

Os aspectos pós-coloniais presentes na ficção clariceana apresenta a consciência paracolonial de Clarice Lispector, bem como traz a pequena

– grande personagem feminina, por meio da nomeação e a capitalização como forma de denúncia, o que permite enxergar a identidade negra feminina. Desse modo, o discurso da personagem direciona a relação do Eu com o Outro, a ética da alteridade Lévinas (1980), o que se faz necessário pensar no Outro como uma relação ética, de responsabilidade e contemplação, mas não como objetificação e desumanização.

Por fim, toda palavra tem a sua sombra, tem a sua denúncia, e a literatura de Clarice não é diferente, excede a palavra e promove discursos que transcendem para além do Eu, apresentando diferentes perspectivas de mundo. Considera-se que este ainda é um estudo inicial e breve sobre o conto “A menor mulher do mundo”, pois ainda procura-se respostas e meios para encontrá-las entre as relações de Clarice e as perspectivas pós-coloniais que se voltam ao Outro como modo de desconstrução de ideias eurocêntricas, visando a decolonização – um pensamento ao outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNICI, Thomas. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. São Paulo: Mimesis, 1998. p. 7-23, v. 19, n. 1.

BHABHA, Homi K. *Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse*. USA: The Mit Press, 1984.

SAID, Edward. W. *Cultura e imperialismo*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. A menor mulher do mundo / Clarice Lispector, organização de Benjamin Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 111-15.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Trad. de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Trad. de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: CARY, N.; GROSSBERG, Larry. *Marxism and the interpretation of culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.